



## Cinemas e audiovisualidades queer/kuir/cuir no Brasil e na América Latina

Como dialogar com o comum? Como criar comunas? Como fazer arte de quintal? Quem está comigo? O que podemos juntas? Que negociações são necessárias para a criação de um solo comum de compartilhamentos e trocas? [...] Como fundar rotas de ação que não sejam desenhadas em linhas retas?

Noá Bonoba

Esse **Dossiê** surge de um encontro ocorrido dias antes do isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19, em março de 2020, por ocasião da defesa da tese de doutorado de Dieison Marconi, em Porto Alegre. As discussões em torno da potência da criação *queer* no cinema brasileiro provocadas pela tese, intitulada *Ensaio sobre a autoria queer no cinema brasileiro contemporâneo*, se amplificaram para além do ritual acadêmico da defesa pública, nos mobilizando a dar continuidade a esse pensamento sobre as questões *queer* no deslocamento teórico, conceitual, sobretudo, pautado pela experiência situada no Brasil e na América Latina. Um deslocamento que instaura a inquietação das apropriações políticas marcadas pelas posicionalidades periféricas e decoloniais das grafias *kuir* e *cuir*, que reescrevem o termo *queer* a partir de um contexto específico. Do mesmo modo, nos propusemos a pensar sobre metodologias e práticas da escrita que fossem capazes de expressar a 'estranheza' e o desvio não normativo das existências queer/kuir/cuir, estimulando textos que viessem na forma de ensaios, relatos de experiência e outros modos de construir um laço entre a produção e divulgação científica e a dimensão queer/kuir/cuir da vida e do conhecimento situado. Alimentando, com isso, o desejo de uma expressão livre que desafia a dualidade entre sujeito e objeto ao mesmo tempo que coloca as sexualidades dissidentes no centro do debate.

As inquietações que partilhamos na epígrafe são parte de um texto de autoria de Noá Banoba, publicado na seção **Fora de Quadro** deste número, e que nos ajudam a compor o desenho deste **Dossiê**, que propõe discussões em torno das existências queer/kuir/cuir nas construções audiovisuais em contexto brasileiro e latino-americano na contemporaneidade. Destas questões iniciais, tecemos uma rede de possibilidades que colocam o desafio à cisheteronormatividade como ponto nevrálgico para pensarmos também os modos como produzimos o conhecimento. Como podemos nos juntar e tecer um mundo em que somos possíveis? Que textos são possíveis para expressar as vidas que "atravessam os confins do 'normal'" (25), como sugere Glória Anzaldúa? Quais os modos de olhar, pensar e acessar a produção audiovisual brasileira e latino-americana



para fora dos moldes eurocêntricos e heterocentrados já tão cristalizados? Que "metodologias queer" (HALBERSTAM, 2008) podemos construir conjuntamente? Qual o percurso teórico que nos conduz a uma pedagogia transformadora? Como encontrar o respiro *queer* no âmbito acadêmico?

Em *New Queer Cinema: a critical reader* (2004), Michele Aaron argumentou que o termo *queer* pode descrever produtos culturais, intervenções críticas e estratégias políticas. Afirmou, também, que o *new queer cinema*, movimento estadunidense impulsionado do *boom* do HIV/AIDS, pelo descaso do Estado para com a epidemia e pela fragmentação dos ativismos de tendência queer/kuir/cuir e assimilacionista, foi uma sobreposição dos três primeiros itens. Isto é, filmes queer/kuir/cuir seriam produtos culturais e artísticos que promovem intervenções críticas através de estratégias políticas e estéticas que vão de encontro às normatividades de sexo, gênero, raça e classe.

A argumentação de Aaron não se encontra tão distante do que já havia proposto Ruby Rich em seu ensaio precursor intitulado "New Queer Cinema", texto publicado pela primeira vez na revista *Village Voice* no dia 24 de março de 1992. Além disso, os comentários de Aaron se conectam a outras tantas reflexões que complexificaram a noção de imagens, audiovisualidades e cinemas queer/kuir/cuir, a exemplo dos trabalhos de Alexander Doty (1993), Richard Dyer (2002), Helen Hok-Sze Leung (2004), Sara Ahmed (2006), Harry Benshoff (2006), Sean Griffin (2006), Elena Del Rio (2008), Daniel Williford (2009) e Jack Halberstam (2020), entre outras.

No âmbito das pesquisas brasileiras, é possível nomear algumas publicações predecessoras como as de Antônio Nascimento Moreno (1995), Denilson Lopes (2002), Karla Bessa (2007), Wilton Garcia (2011), Lucas Murari e Mateus Nagime (2015). Tais publicações demonstram que as cinematografias brasileiras e latino-americanas lidaram com os cinemas queer/kuir/cuir antes e depois do movimento estadunidense, ainda que na região se perceba um *boom* recente, especialmente capitaneado por realizadoras trans, bichas, sapatonas, travas, monas, fanchonas, ocós, jaciras, viadas, *maricas*, machudas e *lesbianas*.

Se nos últimos 10 anos a América Latina, especialmente o Brasil, viu sua cinematografia kuir/queer/cuir ser protagonizada por uma multidão *queer* (PRECIADO, 2011), é possível inferir que também houve a construção de uma comunidade de pesquisas que se propuseram a entender esses fenômenos. Nesse ponto, é preciso considerar que tanto a produção acadêmica quanto a produção audiovisual cuir/kuir/queer se inserem em um espectro mais amplo da consolidação dos estudos de gênero no país e no continente, da profusão de novas ondas ativistas, da complexa visibilidade midiática de sujeitos LGBT e também de alguns avanços e retrocessos no âmbito das políticas institucionais e culturais.



Foi, então, especialmente a partir do ano de 2010 que passou a se intensificar a coexistência de uma comunidade de pesquisas que não apenas se dedicaram a pensar as imagens do cinema queer/cuir/kuir em sua complexidade transnacional, mas, também, o que poderíamos compreender especificamente por cinema queer/cuir/kuir brasileiro/latino-americano ou cinema kuir/cuir/queer realizado no Brasil e na América Latina. Também é importante dizer que, nesses últimos 10 anos, tais estudos foram construídos especialmente por pesquisadores e pesquisadoras queer/kuir/cuir em processos de formação, isto é, alunes de cursos de Graduação, Mestrado e Doutorado (MARCONI, 2020).

Desde 2015, alguns marcos nos ajudam a visualizar a profusão desses trabalhos. Naquele ano, além de ser o ano em que a filósofa Judith Butler vem pela primeira vez ao Brasil, a Caixa Econômica Federal patrocinou a estreia da *Mostra New Queer Cinema: cinema, sexualidade e política*. Junto à realização da mostra, os pesquisadores Mateus Nagime e Lucas Murari organizam a publicação *New Queer cinema*, com textos de Erly Vieira Junior, André Antônio Barbosa, Ramayana Lira, Louise Wallenberg, entre outras.

Já em 2016, a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS) concede, pela primeira vez, o prêmio de Melhor Dissertação de Mestrado a uma pesquisa sobre cinema queer/kuir/cuir brasileiro. O prêmio foi concedido a Dieison Marconi pela dissertação "Documentário queer no Sul do Brasil (2000 a 2014): narrativas contrassexuais e contradisciplinares nas representações das personagens LGBT". No mesmo, ano uma menção honrosa foi estendida à pesquisa de Érica Sarmet, intitulada "Sin porno no hay posporno: Corpo, Excesso e Ambivalência na América Latina".

No biênio 2016-2017, a Sociedade Brasileira de Estudos de Cinema e Audiovisual (SOCINE) aprovou e realizou o Seminário Temático *Cinema Queer e Feminista*, coordenados por Ramayana Lira, Maurício Gonçalves e José Gatti. Em compasso semelhante, a Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS) e a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares em Comunicação (INTERCOM) também construíram ou fortaleceram seus grupos de estudos e pesquisa abertos para a discussão das audiovisualidades queer/cuir/kuir.

Em seu espectro teórico e metodológico, muitas dessas pesquisas vêm se afastando, aos poucos, tanto do paradigma das políticas de representação como também tem inflexionado algumas teorias hegemônicas do campo do cinema e do audiovisual sedimentadas durante o século XX. Esse percurso tem sido necessário não apenas para conceber um campo de estudo dedicado às nossas paisagens cuir/queer/kuir, mas, também, para reconhecer a complexidade conceitual das



audiovisualidades kuir/cuir/queer a partir do ponto de vista das relações entre estética e política, produção e circulação, consumo e recepção, autoria e espetatorialidade, história, historiografia e perspectivas decoloniais.

Reconhecendo as encruzilhadas desse contexto, o presente dossiê está dividido em duas edições. Nesta primeira edição, 2021/01, buscamos reunir textos que contemplem essas múltiplas formas de se refletir sobre os cinemas queer/kuir/cuir brasileiros e latino americanos. Para além dos formatos de artigos científicos, o dossiê contemplou textos em formatos autorais, ensaios e resenhas, entrevistas e textos experimentais que exploram uma submetodologia indisciplinada, (MOMBAÇA, 2016) ou, ainda, uma desobediência epistêmica (MIGNOLO, 2010).

Começamos, então, com dois gestos historiográficos, realizados por Livia Perez e Jocimar Dias Junior. A primeira, contribui com seu artigo *Do Cinema Novo ao vídeo lésbico feminista: a trajetória de Norma Bahia Pontes*. A pesquisa reconstitui e analisa a trajetória da diretora e crítica Norma Bahia Pontes que contribuiu para legitimar o Cinema Novo enquanto movimento artístico na década de 1960 e foi pioneira na direção de vídeos lésbicos feministas nos Estados Unidos durante os anos 1970. Através da figura de Norma, Livia Perez busca compreender as circunstâncias nas quais acontece, em suas próprias palavras, “um deslocamento ambíguo”: a invisibilidade da figura da diretora na História do Cinema Brasileiro e sua atuação pioneira como realizadora do vídeo lésbico feminista”.

Já Jocimar Dias Junior contribui com seu artigo *Notas sobre a frescura e a fanchonice em É Fogo na Roupa! (Watson Macedo, 1953)*. Imbuído de um gesto fresco de espectador, crítico e pesquisador, o autor empreende uma releitura queer da chanchada *É Fogo na Roupa!*, de Watson Macedo, 1953. Num primeiro momento, Dias analisa a personagem afeminada do cabeleireiro Quincas (Antônio Spina)-, do ponto de vista de possíveis espetatorialidades de bichas e frescos da época. Com a intenção de refletir sobre uma sensibilidade bicha, o autor também relaciona a trajetória da personagem Quincas com o trabalho dos homens gays envolvidos na produção do filme, o diretor Watson Macedo e o roteirista Cajado Filho. Já na segunda parte de seu trabalho, Jocimar Dias se dedica à análise do personagem implicitamente homossexual Juvenal, interpretado pelo cantor Ivon Cury, explorando o fracasso da performatividade da masculinidade viril hegemônica. E por fim, mas não menos importante, o autor se debruça sobre a personagem Madame Pau Pereira (Violeta Ferraz) e sobre como sua performance masculinizada pode ter sido atraente para espectadoras fanchonas (lésbicas) da época.

Também está assentado em uma perspectiva espetatorial e crítica o ensaio de Fernanda Nascimento, intitulado *Sobre sapatões e visibilidades: Notas de pesquisa e*



vivência. Fruto de algumas reflexões desenvolvidas em sua pesquisa de Doutorado, a autora explora neste ensaio algumas possibilidades de reflexão sobre os debates em torno da ideia de “visibilidade lésbica” -, avançando especialmente para uma discussão sobre ‘visibilidades reguladas’ e sobre determinadas políticas de coalização com outros sujeitos historicamente subalternizados. E em coalizão com esse gesto de Fernanda Nascimento, porém mirando agora algumas memórias infantis, está o trabalho de Diego Paleologo Assunção e Vinícios Cabral Ribeiro, intitulado “*Revides infantis*”: *de quando fomos ao cinema e saímos do armário*. Neste ensaio, os autores apostam na possibilidade de ampliar gramáticas eróticas e repertórios de afetividade, especialmente a partir de experiências e audiovisualidades deslocadas e deslocantes.

Ainda nesta toada espectral, temos o artigo *Um sopro de cura: fruição estética e afetação em corpos audiovisuais para cuidar de traumas coloniais*. Neste texto, Thiago Henrique Ribeiro dos Santos e Milene Migliano produzem uma cartografia do “fazer sentir” a partir de práticas de etnografia digital, mais especificamente a partir do contato com o *Festival Impossível, Curadoria Provisória* (CachoeiraDoc, 2020). -, festival de cinema documentário que, em função da pandemia do novo coronavírus, precisou ser reelaborada e experienciada de outras maneiras.

O presente dossiê também traz dois ensaios que se cruzam na medida em que exploram críticas de cinema e investigações atentas às questões contemporâneas da cultura audiovisual. O primeiro, trata-se do ensaio *Cinema queer brasileiro ou as veias abertas da política da imagem*, escrito por Dieison Marconi. Em constante diálogo com o filósofo Jacques Rancière, o autor busca compreender algumas produções contemporâneas do cinema queer menos sob a ótica da camisa de força das imagens políticas e mais pela perspectiva da política da imagem. Já o outro ensaio crítico trata-se do trabalho de Mateus Araújo dos Santos, intitulado *O que o cinema quer da gente é coragem: negridade e dissidência sexual & de gênero nas produções da Rosza Filmes*. Neste ensaio, o autor reflete sobre como os longas-metragens *Café com Canela* (2017), *Ilha* (2018) e *Até o Fim* (2019), dirigidos por Glenda Nicácio e Ary Rosa, sugerem táticas de descolonização da imagem e do mundo que emergem da articulação entre negridade e dissidências sexuais e de gênero.

A temática *queer* proposta para o **Dossiê** também se desdobra na seção **Resenhas e Traduções** com duas contribuições. Primeiro, o texto *La de-construcción de una identidad masculina tóxica en El Rey de La Habana de Pedro Juan Gutiérrez*, escrito por Massimiliano Carta. Na análise, o autor propõe um estudo acerca da transposição cinematográfica realizada por Augustí Villaronga do romance *El Rey de la Habana*, do cubano Pedro Juan Gutiérrez. A partir daí, Carta passeia por reflexões sobre a formação de uma identidade masculina na adolescência, as relações entre diferentes



tipos de masculinidades (novas e hegemônicas) nos contextos de uma metrópole latino-americana e no âmbito de instituições como a família, o cárcere, a escola e a rua. Na mesma seção, temos a valiosa contribuição da pesquisadora Adriana Azevedo, que resenha o mais recente livro de Jack Halberstam publicado no Brasil: *A arte queer do fracasso* (Cepe, 2020).

Em sintonia com a temática do **Dossiê**, esse número traz, na seção **Entrevistas**, uma conversa com o diretor canadense Bruce La Bruce em duas versões, português e espanhol. A entrevista foi realizada em coautoria por Hanna Claudia Freitas Rodrigues e Baga de Bagaceira Souza Campos, jornalista, performer e importante ativista pelos direitos LGBTQI+, que, lamentavelmente, faleceu vitimada pela Covid-19 no curso da organização desta edição da Rebeca. Agradecemos fortemente a Hanna Claudia por nos permitir manter a publicação póstuma de sua coautoria com Baga, possibilitando também que esse dossiê seja uma forma de recordar e homenagear Baga e sua produção artística, intelectual e ativista.

Nossos mais sinceros agradecimentos a Gabriela Almeida, atual editora desta revista, pelo convite e pela confiança em nós depositada para a organização do primeiro dossiê de temática queer da Rebeca. Assumimos o grande desafio de levar adiante essa publicação no contexto da pandemia da Covid-19, em que a vulnerabilidade das vidas *queer* assume índices catastróficos no já tenebroso cenário político brasileiro. Se "escrever produz ansiedade" (p. 94), como assevera Anzaldúa, é porque com ela podemos ao mesmo tempo acessar as imagens dos traumas e promover curas (p. 92). Esse **Dossiê** se inscreve na nossa história como afeto e lampejo de cura, ainda que provisória, precária, inconstante, quando nossa saúde física e mental nos impõe obstáculos reais. É nesse tempo tão adverso que precisamos "reafirmar coalizões, para que nossos desejos não sejam sequestrados pelos poderes enquanto respiramos o medo sob nossas máscaras" (BRANDÃO; LIRA, 2020: 135). Assim, a despeito e apesar de tudo, acreditamos que cada autore que está/faz parte deste número conosco traz cintilâncias que iluminam vivamente o escuro da terra em que nutrimos nossas lutas. Obrigadas a todes por suas valiosas contribuições, que fizeram essa constelação acontecer! Não estamos sós e somos muitas.

Desejamos a todes uma ótima experiência de leitura!

Alessandra Brandão  
Dieison Marconi

#### Referências bibliográficas

AARON, Michele. *New Queer Cinema: a critical reader*. Paperback, 2004.



AHMED, S. *Queer phenomenology: orientations, objects, others*. Durham: Duke University Press, 2006.

ANZALDÚA, Glória. *Borderlands/La Frontera: The new mestiza*. São Francisco: Aunt Lute Books, 2007.

BESSA, Karla. "Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade". *Cadernos Pagu* (UNICAMP), v. 28, p. 257/-283, 2007.

BRANDÃO, Alessandra e LIRA, Ramayana. "Inventários de uma infância-sapatão em um mundo de imagens". *Rebeh*. Vol. 03, n. 09, 2020.

GARCIA, Wilton. "A diversidade cultural/sexual no filme Elvis e Madona". XII Estudos de Cinema e Audiovisual Socine. 129ed. São Paulo: Socine, 2011, v. 2, p. -113.

HALBERSTAM, J. *Masculinidad Femenina*. Barcelona: Editorial Egales, 2008.

LOPES, Denilson. *O homem que amava outros rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

MOMBAÇA, J. "Rastros de uma Submetodologia Indisciplinada". *Concinnitas*, S.I, v. 01, n. 28, p. 341-354, set. 2016.

MORENO, Antônio do Nascimento. *A personagem homossexual no cinema brasileiro*. 1995. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995

MARCONI, Dieison. *Ensaio sobre autorias queer no cinema brasileiro contemporâneo*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil, 2020.

MARCONI, Dieison. *Documentário queer no Sul do Brasil: narrativas contrassexuais e contradisciplinares nas representações das personagens LGBT*. 2015. 231 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2015.

MIGNOLO, W. *Desobediência epistémica: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Del Signo, 2010.

PRECIADO, Paul Beatriz. "Multidões queer: notas para uma política dos anormais". *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 11-20, jan./abr. 2011.